

FOUCAULT, M. (2008) Nascimento da Biopolítica: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes;

FOUCAULT, M. (2000). Introdução a uma vida não fascista. In: Deleuze, G. e Guattari, F. Anti-Edipus: capitalism and schizophrenia. Minneapolis: University of Minnesota Press.

GUATTARI, F. (2009). Everybody wants to be a fascist. In: Chaosofy text and interviews 1972-1977. Cambrigde, The MIT press.

LASCH, C. (1983) A cultura do narcisismo. Rio de Janeiro: Imago.

PAXTON. R. (2007). A anatomia do fascismo. São Paulo: Editora Paz e Terra.

SAFATLE, V. (2008). Cinismo e falência da crítica. São Paulo: Boitempo.

SLOTERDIJK, P. (2010). Critique of the Cynical Reason. Minneapolis: The University of Minessota Press.

Outras publicações do autor:

FEITOZA, F. (2013). O elo entre o conservador e o politicamente correto em imagens do entretenimento. Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, v. 6, p. 1-14.

FEITOZA, F. (2012). Leni Riefenstahl: Profeta do fascismo Midiático. Contemporânea (UFBA. Online), v. 10, p. 446-465.

FEITOZA, F. (2012). Seletividade Teenager: a sensibilidade eugênica em imagens do High School. Cadernos de Comunicação (UFSM), v. 16, p. 65-85.

FEITOZA, F. (2010). Torture Porn: Estética do gozo e exercício perverso no cinema. Ícone (Recife. Online), v. 11, p. 75-346-1-pb (2).

FEITOZA, F. (2010). Cinema e cinismo: distorções performativas e fruições contemporâneas na obra de Michael Haneke. Sessões do Imaginário (Online), v. 1, p

GILBERT DURAND, O MONTANHÊS QUE DESAFIOU A MARGEM ESQUERDA DO SENA

Gilbert Durand, the mountain-dweller who challenged the Left Bank of the Seine

Gilbert Durand, el alpinista que desafió la orilla izquierda del Sena

Ana Taís Martins Portanova Barros

Pós-doutora em Filosofia da Imagem pela Université de Lyon III, Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, professora do PPGCOM/UFRGS. E-mail: anataismartins@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar uma trajetória biobibliográfica de Gilbert Durand, sociólogo, antropólogo e filósofo francês criador da Teoria do Imaginário. Esta trajetória é reconstituída seguindo o fio cronológico de publicação de seus livros, desde *As estruturas antropológicas do imaginário* (1960) até *A crise espiritual no Ocidente* (2011).

Palavras-chave: Gilbert Durand. Imaginário. Biobibliografia.

Abstract

This article aims to present a bio-bibliographic trajectory of Gilbert Durand, the French sociologist, anthropologist and philosopher who created the Theory of the Imaginary. This trajectory is reconstituted following the chronological sequence of the publication of his books, starting with *The anthropological structures of the imaginary* (1960) until *The spiritual crisis in the West* (2011).

Key words: Gilbert Durand. Imaginary. Bio-bibliographie.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar una trayectoria biobibliográfica de Gilbert Durand, sociólogo, antropólogo y filósofo francés creador de la Teoría del Imaginario. Esta trayectoria es reconstituída siguiendo el hilo cronológico de publicación de sus libros, desde *Las estructuras antropológicas del imaginario* (1960) hasta *La crisis espiritual en el Occidente* (2011).

Palabras-clave: Gilbert Durand; Imaginario; Biobibliografía.

Notícias inquietantes circularam em 30 de novembro de 2012; Gilbert Durand, fundador dos estudos do imaginário tais como entendidos hoje, estava na UTI. As redes sociais registraram a angústia em relação à saúde deste “Justo entre as nações”¹, meditações foram feitas, boas vibrações lhe foram enviadas do mundo todo. Mas realmente havia chegado o momento em que o tempo de Gilbert devia se tornar espaço; ele morreu em 7 de dezembro de 2012, cinquenta anos após seu grande mestre Gaston Bachelard ter partido.

A obra de Durand tem o vigor dos resistentes que crescem em terreno adverso. No começo dos anos 1960, quando na França era “[...] impossível escapar de Descartes e Hegel, das antinomias kantianas e do reinado duplamente soberano de Karl Marx e de Freud” (Cazenave, 1980, p. 247), Durand surge com *As estruturas antropológicas do imaginário*, trabalho que permanece hoje, mais de 52 anos depois, como revelador de um caminho inteiramente novo para a interpretação não só da cultura, como também da vida. Ao redor de Durand, se congregam pesquisadores que formam mesmo uma fraternidade, constituída sob a revelação do imaginário. A par deste aspecto iniciático, a obra de Durand é portadora tanto de uma complexa abertura epistemológica, capaz de fazer frutificar as contribuições de diversas correntes filosóficas, quanto de um caráter pragmático, que fornece ferramentas de pesquisa convergentes com a heurística proposta.

As estruturas antropológicas do imaginário, publicado em 1960 pela primeira vez, é resultado da tese de doutoramento de Durand, na qual ele busca, com a noção de *trajeto antropológico*, também conhecida como *trajeto do sentido*, “[...] resolver definitivamente a estéril querela que opõe culturalistas e psicólogos” (Durand, 2003, p. 178)². Este trajeto se daria entre dois pólos relativamente estáveis: as intimações biopsíquicas, dadas pela natureza humana mesma, e as coerções apresentadas pelos contextos históricos, sociais, culturais... Como um acordo entre estes dois pólos de tensões antagonistas nasce a imagem simbólica com todo seu potencial teológico, portadora ao mesmo tempo de raízes arquetípicas

1 Distinção concedida pelo Estado de Israel àqueles que colocaram a própria vida em perigo para salvar a de judeus.

2 No original francês: “[...] régler définitivement la stérile querelle opposant ‘culturalistes’ et psychologes[...]”.

e de eflorescências fenomenológicas. Durand (2010b, p. 204) mesmo indica o paradoxo da noção de *trajeto antropológico* que postula a existência de uma “[...] natureza humana, sim, mas potencial, que não existe a não ser em oco e que somente passa ao ato pela atualização singular de uma cultura”³.

O modo de as imagens simbólicas se organizarem dá origem a diferentes regimes ou estruturas do imaginário. Vê-se, aí, que é a imagem que produz a estrutura, e não o contrário. Mesmo assim, Durand usou o termo *estrutura*, e, em 1979, relataria o contexto desta escolha:

Eu tinha, há uns vinte anos, usado inocentemente o termo ‘estrutura’ para significar uma coisa que me parecia cair no senso comum do vocabulário assim como Littré⁴ o compreende. Desde lá, este termo fez fortuna. Infelizmente ele se tornou moda. E a moda, sabe-se bem, submete o sentido a uma formidável erosão. Em torno dele se putrefaz uma querela em que se misturam filósofos, linguistas, etnólogos, matemáticos, biólogos, psicólogos e jornalistas. Eu lamento esta moda e deploro ainda mais a querela que dela nasceu e que, como toda a querela, é tão estéril quanto verborrágica (Durand, 2010b, p. 261).⁵

Para Durand, é ineficaz a solução que o estruturalismo formal encontrou para libertar as Ciências Humanas da explicação historicista, levada ao paroxismo pela oposição entre símbolo e estrutura e mesmo entre sentido e sintaxe. Sem recusar nem a sincronicidade estrutural de Lévi-Strauss nem a compreensão hermenêutica de Ricoeur, Durand cunha a

3 No original francês: “[...] nature humaine certes, mais potentielle, n'existant qu'en creux et ne passant à l'acte que par l'actualisation singulière d'une culture”.

4 “Dictionnaire de la langue française, mais conhecido como o Littré, de autoria de Émile Maximilien Paul Littré, lexicógrafo e filósofo francês.

5 No original francês: “J'avais, il y a quelque vingt ans, utilisé innocemment le terme de ‘Structure’ pour signifier une chose qui me semblait tomber sous le sens commun du vocabulaire tel que Littré l'entend. Depuis, ce terme a fait fortune. Il est hélas devenu à la mode. Et la mode, c'est bien connu, fait subir au sens une redoutable érosion. Autour de lui purule une querelle où se mêlent philosophes, linguistes, ethnologues, mathématiciens, biologistes, psychologes et journalistes. Je déplore cette mode et je déplore encore plus la querelle qui en est née et qui, comme toute querelle, est stérile autant que verbeuse”.

expressão estruturalismo figurativo para designar uma estrutura que não tem o habitual estatuto de forma, que “[...] está lá para explicitar um sentido que, por natureza, lhe escapa” (Durand, 2010a, p. 51).⁶ Trata-se mesmo de uma abordagem “[...] de uma só vez ‘estruturalista gnóstica’ e ‘hermenêutica docetista’ (ou seja, hermenêutica em que as intimações da história passam para um segundo plano)” (Durand, 2010b, p. 265).⁷

De tais estruturas dinâmicas é que trata a teoria do imaginário durandiana, fundando a imaginação na materialidade, como fizera seu mestre Bachelard, mas ao qual ele reprova “[...] ter escolhido como base de sua classificação do imaginário os elementos bem elaborados, bem etnocêntricos [...] da física grega” (Durand, 2010a, p. 165).⁸ À diferença de Bachelard, Durand remete o nascimento da imaginação à corporalidade mesma do ser humano, procurando, na reflexologia de Betcherev, esquemas sensório-motores dominantes que, quando presentes, inibem os demais reflexos e engendram o simbolismo: o reflexo postural, responsável pela verticalidade que caracteriza a hominização, organizando as imagens de enfrentamento, disjunção; o reflexo digestivo, que traz condutas de assimilação, mas também de rejeição e de ejeção - não é de outra coisa que Rabelais, já no século XVI, falava com *Pantagruel* e *Gargântua*, ou seja, o homem é um lugar de passagem... O terceiro e último reflexo dominante é chamado por Durand de rítmico ou copulativo, fundado na sexualidade, organizando as imagens simbólicas ligadas à passagem do tempo, seja ele cíclico ou linear.

Sobre esta base, Durand procede a uma classificação das expressões do imaginário humano, mostrando que a organização das imagens simbólicas espelham as dominantes reflexas e, analogamente a estas, se dividem em três grandes regimes: o esquizomorfo ou heróico, em que a energética simbólica reside na ação de distinguir, tendo na base a dominante postural (que libera a vista e o ouvido para julgar,

6 No original francês: “[...] est là pour expliciter un sens qui, par nature, lui échappe”.

7 No original francês: “[...] à la fois ‘structuraliste gnostique’ et ‘herméneutique docétiste’ (c'est à dire herméneutique faisant passer au second plan les intimations de l'histoire)”.

8 No original francês: “[...] avoir choisit comme base de sa classification imaginaire les éléments bien élaborés, bien ethnocentriques [...] de la physique grecque”.

e também a mão para punir e combater); o regime místico ou antifrásico, em que a energética simbólica reside na ação de confundir, tendo na base a dominante digestiva, que na sua descida nos envia para a escuridão morna e aconchegante das tripas; e o regime sintético ou dramático, cuja energética simbólica provém da ação de ligar, engendrando as imagens tanto da progressão rítmica quanto da volta recenseatória.

Ao colocar os esquemas destas ações de base na raiz da figuração simbólica, Durand (2010b, p. 197) assegura estar se separando ao mesmo tempo da teoria junguiana, que coloca como última força um reservatório de arquétipos elaborados em um inconsciente coletivo, e das reduções da figura simbólica freudiana e lacaniana. Em Freud, Durand contesta a redução da imagem simbólica ao sintoma de uma única libido obcecada pelo buraco digestivo e genital. De Lacan, Durand rejeita a redução da imagem simbólica, que é pré-linguística, às sintaxes e aos trocadilhos de uma língua natural. Durand se coloca antes ao lado de Mauss, com o qual ele pensa ser o “verbo”, ou seja, a ação, a expressão corporal a primeira linguagem.

Em 1979, na mesma ocasião em que explicava o contexto da sua escolha pelo termo “estruturas”, Durand (2010b, p. 206) lamentou a denominação “sintético” a um dos três regimes do imaginário:

Sim, na época, para caracterizar um destes três regimes estruturais, eu utilizava o termo “síntese”, que poderia sugerir que as “estruturas sintéticas” eram a culminância de uma dialética totalizante como a de Hegel ou ainda a de Ricoeur e de J.-P. Richard. Não se trata de nada disso, jamais se tratou para mim de uma solução sintética à moda de Hegel.⁹

E assegura que, se devesse de novo escolher um nome para aquela categoria de estruturas, hesitaria entre uma denominação lévi-straussiana como *estruturas diacrônicas* ou uma denominação derridiana como *estruturas disseminatórias*, pois

9 No original francês: “Certes à l'époque, pour caractériser l'un de ces trois régimes structuraux, j'utilisais maladroitement le terme de ‘synthèse’, qui pouvait suggérer que les ‘Structures synthétiques’ étaient l'aboutissement d'une dialectique totalisante comme celle de Hegel et encore de Ricoeur ou de J.-P. Richard. Or il ne s'agit nullement, il ne s'est jamais agi pour moi d'une résolution synthétique à la Hegel”.

trata-se de uma só vez de estruturas que integram o tempo e que marcam uma multiplicidade irredutível.

Durand não se esquivava à tarefa de mostrar como este estruturalismo figurativo pode ser colocado a serviço da pesquisa empírica e, um ano após a primeira edição de *As estruturas...*, é publicado, em 1961, *Le Décor mythique de la Chartreuse de Parme* (O cenário mítico de *A Cartuxa de Parma*). Trata-se de uma análise da obra-prima de Stendhal em que Durand faz uma aplicação literária de sua estética estrutural, relacionando o romance do século XIX aos grandes mitos da Antiguidade Clássica.

Em 1964, com *L’Imagination symbolique* (*A imaginação simbólica*), Durand faz uma apresentação mais didática de suas ideias, começando pela introdução de precisões acerca do vocabulário do simbolismo; as águas da semiótica estruturalista corriam com plenas forças e torna-se então necessário esclarecer, por exemplo, que imagem simbólica não é de modo algum outro jeito de designar a imagem visual e, sobretudo, que símbolo não é um arbitrário genérico. A seguir, Durand (2000, p. 20) descreve o que chama de “extinção simbólica no Ocidente”, a qual teria começado no mínimo no século XIII, quando as artes deixam de lado a ambição de reconduzir a um sentido e objetivam a cópia fiel da natureza, culminando no século XIX com a era da explicação científica e o triunfo do signo sobre o símbolo. Na mesma obra, são apresentadas, ainda, as hermenêuticas que tanto precursionaram quanto reduziram os estudos do imaginário. Durand (2000) então mostra Freud, ao mesmo tempo, como tendo estabelecido a importância do inconsciente e da imaginação e reduzido o símbolo a um sintoma sexual, escamoteando seu sentido em favor de uma biografia individual. Lévi-Strauss, por seu lado, mostrou a estabilidade do mito através do tempo e das traduções, mas, segundo Durand (2000), também reduziu a transcendência do símbolo a um episódio regional. E Cassirer, conforme Durand (2000), preparou o terreno para o inconsciente simbólico de Jung, para a fenomenologia da linguagem poética de Bachelard, para o humanismo de Merleau-Ponty e para a antropologia arquetipológica do próprio Durand, mas, ainda segundo este último, hierarquizou as formas da cultura e do simbolismo considerando, por exemplo, o mito como

um símbolo esclerosado, que perdeu sua vocação poética, enquanto a ciência possui maior potencial de carga simbólica porque põe em causa os símbolos.

Já de Jung, Durand (2000, p. 56) valoriza a noção de arquétipo enquanto forma dinâmica, estrutura organizadora de imagens, que “[...] transvaza sempre para as concretudes individuais, biográficas, regionais e sociais da formação das imagens”. Bachelard não é esquecido neste recenseamento de 1964. Sem deixar de lembrar que seu mestre via a utilização dos símbolos em três universos bem diferentes - 1) a ciência, 2) o sonho e a neurose e 3) a poesia - Durand (2000, p. 63) descreve a fenomenologia do imaginário de Bachelard como “[...] uma escola de ingenuidade que nos permite colher o símbolo em carne e osso, porque não se lê poesia pensando em outra coisa.

A primeira conferência de Gilbert Durand em Eranos foi em 1965, mas ele já frequentava o Círculo desde 1960 como ouvinte, lá introduzido pelo amigo Henry Corbin. Assim ele descreve a sua primeira chegada à *villa* em Ascona:

A aparição insólita dos fios elétricos foi brutal, em plena natureza selvagem. Andamos a pé e vinte metros mais abaixo, à esquerda, o pequeno painel timidamente escondido entre os cedros: “Eranos”. A pequena porta era mágica: assim que ela foi fechada, os ruídos e incidentes da estrada desapareceram. Um silêncio úmido e quente, na penumbra da manhã, destilava um pesado perfume de cânfora e de canela. Descemos com nossas malas. Bem rápido, “os Durand” foram anunciados, as portas se abriam, nós éramos interpelados. Corbin estava lá. Instalei-me no alto da casa, em um pequeno quarto com antecâmara. O lago [Maggiore] se movia suavemente dois andares abaixo, um dos quais era a recepção, o outro a cozinha! [...] E eu adivinhou ao longe, por entre a bruma da água e os entrelaçamentos de um enorme eucalipto, o grande lago em preguiçoso suspiro, e ao sul a presença da “ilha verde”... Eu não sabia que durante vinte e cinco anos, esta modesta mansarda seria o meu chão... (Durand, 2003, p. 15-16).¹⁰

¹⁰ No original francês: “Puis ce fut, brutalement, en pleine nature sauvage, l’apparition insolite des fils électriques, de la centrale. Nous roulions au pas et vingt m`tres plus bas à gauche, le petit panneau timidement caché dans les cèdres:

De fato, durante um quarto de século, Eranos foi a “universidade de verão” de Durand, como ele mesmo disse (1990). A primeira edição das jornadas de Eranos, uma iniciativa da anglo-holandesa Olga Kapteyn-Fröbe (1881-1962), apaixonada por mitos, espiritualidade, mas também pelas relações entre Oriente e Ocidente (Verjat, 2011), ocorreu em 1933¹¹, contando com a presença de Jung. A palavra Eranos foi escolhida por Kapteyn-Fröbe por designar, na Grécia Antiga, uma refeição em que os próprios convidados levam os pratos. Mas as jornadas de Eranos, além do caráter de piquenique convivial, eram marcadas também pela evolução do significado de seu nome, que passou igualmente a designar uma comunidade com interesses espirituais e políticos, mas “sem dogmas”, como sublinhava Rudolf Otto (apud Golliau, Gairin et Lépine, 2012, p. 33).

Se Durand não desenvolveu a carreira brilhante a que poderia aspirar e, como disse Verjat (2011, p. 16), “[...] nunca quis renunciar à paz de suas montanhas, ao prazer da casa, aos rudes invernos e aos verões sorridentes”, isso não significa que não tenha exposto seu pensamento aos testes da realidade e ao debate intelectual. Raramente recusou convites para conferências, as quais chamava de “viagens pastorais”, e foi sobretudo em Eranos, num contexto de intelectuais “[...] de primeira magnitude” que Durand “[...] temperou suas teorias, aprofundou suas reflexões e pode revelar aos que eram capazes de compreender” (Verjat, 2011, p. 14)¹² “[...] uma verdade que não se ousava então dizer livremente nas

‘Éranos’. La petite porte était magique: dès qu’elle fut franchie, les bruits et incidents de la route disparurent. Un silence moite et chaud, dans la pénombre du matin, distillait un lourd parfum de camphre et de cannelle. Nous descendions armés de nos valises. Très vite ‘les Durand’ furent annoncés, on ouvrait les portes, on s’interpellait. Corbin fut là. On me logeait au sommet de la villa, dans une petite chambre avec antichambre. Le lac clapotait doucement deux étages plus bas, l’un était la réception, l’autre la cuisine! [...] Et je devinais au loin, dans la brume du lac et les entrelacs d’un énorme eucalyptus, le grand lac au paresseux soupir, et au sud la présence de l’île verte’... Je ne savais pas que, vingt-cinq ans durant, cette modeste mansarde serait mon domaine...

¹¹ As jornadas de Eranos ocorreram regularmente de 1933 a 1988, sendo que Gilbert Durand delas participou de 1960 a 1985. Atualmente, segundo Verjat (2011), as atividades do círculo estão consideravelmente reduzidas, contando apenas com alguns orientistas e um pequeno grupo de estudiosos de culturas comparadas.

¹² No original espanhol: “[...] templó suas teorias, profundizou en sus reflexiones y pudo revelar a quienes eram capaces de comprender y aceptar [...]”.

universidades”¹³ (Durand, 2003, p. 17).

Após um intervalo de 11 anos desde *A imaginação simbólica*, só quebrado pela publicação, em 1970, de um manual contendo textos indicados para estudantes de sociologia (*Les grands textes de la sociologie moderne: recueil méthodique à l’usage des candidats*) e, naturalmente, pelas conferências anuais em Eranos, surge, em 1975, *Sciences de l’homme et tradition. Le nouvel esprit anthropologique*. Neste livro, Durand (2008) desenvolve sua argumentação a favor de um conceito global e transdisciplinar de *Ciência do Homem*, já que, segundo ele, a noção de *Ciências Humanas* dissipa, na sua flexão plural, a riqueza da harmonia entre as ciências ditas humanas, afastando o pesquisador cada vez mais da tradição. Durand (2008, p. 52) fala aí de um homem tradicional cujo “[...] esforço consiste na individuação do eu sobre o modelo simbólico da natureza una – da Criação – que lhe é proposto, e nesta experiência ele encontra a certeza da existência do Princípio Unificador”.

Já na edição de 1963 (segunda edição francesa) de *As estruturas...*, Durand havia acrescentado o anexo II, contendo uma classificação isotópica das imagens que se constitui em um verdadeiro roteiro heurístico para o estudo do imaginário, definindo uma arquetipologia geral a partir de reflexos dominantes que engendram esquemas verbais (que não se referem, obviamente, à língua, e sim à ação), resolvendo-se em arquétipos epítetos e depois substantivos, passando então aos símbolos e aos seus sintomas sociológicos - os sintemas, e, finalmente, para usar uma expressão feliz de Verjat (2011, p. 18), *agonizando* em estereótipos. Este roteiro é apresentado por Durand em forma de uma tabela que tem, no seu alto, uma linha dedicada aos “princípios de explicação e justificação ou lógicos” (Durand, 1997, p. 441), sublinhando o que o autor já postula desde a introdução da obra, a saber, que a imagem vem antes do conceito, que o imaginário funda a razão.

Este roteiro heurístico receberá, em 1979, uma ferramenta metodológica concreta e consistente para

¹³ No original francês: “[...] une vérité qui n’osait pas se dire librement alors dans les universités”.

aplicação a obras culturais: a mitodologia, apresentada em *Figures mythiques et visages de l'œuvre* (Figuras míticas e rostos da obra). O título do trabalho é assim justificado por Durand (2010b) na introdução: “É o trajeto deste olhar humano, deste ato de *ler* no céu, a natureza ou os livros – pouco importa! – [...], já que às figuras míticas respondem os rostos da obra” (Durand, 2010b, p. 190, grifo do autor, tradução nossa)¹⁴. Mitocrítica e mitanálise foram procedimentos metodológicos concebidos tendo Durand em mente o estudo de obras das Artes e da Literatura, mas também aplicáveis a “[...] um discurso cultural qualquer, uma vez admitido que esse discurso é antes de tudo um recital de imagens” (Durand, 2010b, p. 191, tradução nossa).¹⁵ Assim, Durand propõe um caminho para se testar não só a ideia da continuidade entre as antigas mitologias e as narrativas culturais contemporâneas, mas também para contrastar o sonho e o desejo mítico com a história que os concretiza – e que os desbasta. A mitocrítica vai tomar uma obra da cultura mais limitada no espaço e no tempo e nela procurar os mitos diretores e suas oscilações, seja em direção a uma transformação da mitologia que está em jogo, seja em direção a um reforço deste ou daquele mito. Essas oscilações ocorrem em função da biografia do autor da obra a qual, por isso mesmo, é levada em conta na mitocrítica. No entanto, seguidamente, as preocupações sociais e culturais vão intervir também nesta mitologia, e devem igualmente ser levadas em conta (Durand, 2010b, p. 495).

Com a mitanálise, será possível verificar não só a mitologia que anima uma obra, mas toda uma época. Neste caso, há uma complexificação considerável dos procedimentos, uma vez que a constatação de um mito diretor em uma época se fará a partir do alargamento no tempo da amostragem com que se trabalha, necessitando-se de material cuja aparição recubra pelo menos o período de uma geração – cerca de 36 anos. Aqui fica novamente explícito que, ao contrário do que uma compreensão abusiva do imaginário possa su-

gerir, este não é um caos de onde emerge a criação, e sim um universo com regras bem fundadas, as quais é preciso respeitar para se lhe obter uma aproximação minimamente fiel. É assim que o problema da amostragem não é pequeno para a pesquisa mitodológica (o termo designa a reunião da mitocrítica com a mitanálise), sendo necessário mapear os mitemas tanto sincronicamente quanto cronologicamente, sendo que, para ser considerado representativo, um mitema deverá ter uma recorrência da ordem de 80% (Durand, 2010b, p. 499).

Durand é o montanhês da Savóia que não se deixou engolfar pela platitude parisiense do rio Sena; antes, pelo contrário, desafiou-a. É assim que ele teve a audácia de, ainda jovem pesquisador, criticar abertamente colegas da eminência de Claude Lévi-Strauss e Roman Jakobson, o que ele fez em *Les chats, les rats et les structuralistes* (Os gatos, os ratos e os estruturalistas), um dos capítulos de *Figures mythiques...*, mas que já tinha sido publicado bem antes, em 1969, com o mesmo título, nos *Cahiers internationaux de Symbolisme*. Esse diálogo ao mesmo tempo crítico e simpatizante – pois Durand jamais esquece de reconhecer não só a importância do trabalho de Lévi-Strauss para a antropologia como também sua influência sobre seu próprio trabalho –¹⁶ prossegue com *L'âme tigrée*, texto que Durand gostaria que fosse tomado como contraponto a *Pensamento Selvagem* de Lévi-Strauss da mesma forma que *As estruturas antropológicas...* foram o contraponto a *Antropologia estrutural* do mesmo Lévi-Strauss. A alma tigrada é ao mesmo tempo imortal nas suas metamorfoses e, em sua leveza, carregada pelos “[...] sopros plurais (*psyché*) da terra e do céu” (Durand, 2010c, p. 510, tradução nossa). Durand aborda neste livro desde o estatuto da dualidade psíquica na obra de Bachelard e, numa crescente complexificação da problemática, passa à aplicação do princípio de dualidade às noções de polaridade e de imagens dramáticas tais como já havia definido em *As estruturas...* Dedicada, ainda, um capítu-

lo ao que ele mesmo chama de “querela do estruturalismo” (Durand, 2010c, p. 511) e, no último capítulo, o único escrito após 1968, realiza uma mitanálise de *Psyché*, mostrando “[...] como o mito havia pressentido, bem antes das nossas laboriosas psicologias dos séculos XIX e XX, a tigrura constitutiva da *Psyché*” (Durand, 2010c, p. 522, tradução nossa).¹⁷

A próxima obra de Durand é *La foi du cordonnier* (A fé do sapateiro), publicada em 1984, contendo uma seleção de textos escritos entre 1967 e 1980, nos quais Durand dá seguimento à sua crítica ao progressismo e ao historicismo, historicismo este que desmitologiza a religião e a esvazia de seu simbolismo. O título da obra é a imagem da origem e do destino de Durand, ele próprio hábil condutor das duas pontas de um só cadarço que são os pólos diurno e noturno do imaginário.

Em 1989, com *Beaux-arts et archétypes. La religion de l'art*, Durand mostra a abertura que a noção de arquétipo junguiana opõe ao fechamento epistemológico do historicismo e sublinha o quanto a arte se enraiza nesse estatuto:

[...] toda criação artística é uma mão estendida que dá a ver, a ouvir, a amar a obra, mas reciprocamente mão que se estende para receber, acolher, recolher as múltiplas mensagens e enriquecimentos que vêm do outro, que vem do grande e inesgotável Oceano regenerador “(Durand, 1989, p. 18, tradução nossa).¹⁸

Em 1994, é publicado *L'Imaginaire. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image* (O imaginário. Ensaio sobre as ciências e a filosofia da imagem). Talvez por sua profundidade leve, este livro foi rapidamente traduzido em diversos países, entre os quais o Brasil, e se tornou uma espécie de manual para os estudantes que desejam ou precisam se iniciar na teoria do imaginário. Nele, Durand traça o caminho da iconoclastia ocidental e apresenta sua noção de bacia semântica, que,

através da indicação de seis fases em uma metáfora fluvial, tenta dar conta das fases de constituição, fortalecimento e esgotamento de um imaginário. O desenho de uma bacia semântica é assim o resultado de um trabalho de pesquisa que começa com a mitocrítica e se expande para a mitanálise. Logo depois, em 1996, é publicado *Introduction à la mythodologie. Mythes et sociétés* (Introdução à mitodologia. Mitos e sociedades), uma coletânea de conferências que Durand proferiu nos anos 1980 em Lisboa, São Paulo e Recife. Um dos capítulos deste livro é dedicado justamente à noção de bacia semântica, tendo sido portanto escrito antes de *O imaginário...* e publicado depois. No mesmo livro, Durand apresenta o conceito de tópica sociocultural, complementar ao de bacia semântica, com o objetivo de dar conta dos acasalamentos das fases desta última. Aí, Durand (1996) mostra como uma sociedade tem seus níveis institucional (o das regras, dos programas, das pedagogias, das utopias...), actancial (onde se movem os atores sociais, com papéis positivos, aprovados pela ideologia em jogo, e papéis negativos, marginalizados, dissidentes) e fundador (o do inconsciente coletivo cultural e natural) animados por um mito diretor mais ou menos degradado, segundo a fase da bacia semântica em que se encontra, enquanto um outro mito, pleno de vigor subversivo, aguarda, no subsolo antropológico, o momento de emergir.

Também em 1996, é publicado *Champs de l'imaginaire* (Campos do imaginário), reunindo 14 artigos de Durand publicados de 1953 a 1996, nos quais os conceitos principais para a pesquisa mitodológica, também abordados em outros textos aqui referenciados, são mais uma vez precisados. Já 1997 é o ano de *Imagens e reflexos do imaginário português* que, ao lado de *Portugal, tesouro espiritual da Europa*, de 2008, atesta o interesse de Durand pela cultura da qual nós, brasileiros, somos diretamente herdeiros e que, não obstante, apresenta um imaginário inverso ao nosso, conforme o próprio autor atesta (Durand, 1998, p. 181). Em 1999, com *Un comte sous l'Acacia* (Um conde sob a acácia), Durand novamente coloca em marcha seu pragmatismo, realizando a mitocrítica de Joseph de Maistre (1753-1821), conde contra-revolucionário atravessado por contradições que são mesmo a base de seu pensamento. O estudo sobre este alto dignatário da francmaçonaria que defendia os jesuítas e fazia a apologia do

14 No original francês: “C'est le trajet de ce regard humain, de cet acte de lire dans le ciel, la nature ou les livres – qu'importe! – [...], puisqu'aux figures mythiques répondent les visages de l'œuvre”.

15 No original francês: “[...] discours culturel quelconque, une fois admis que ce discours est avant tout un récital d'images”.

16 Como também não esquece de nomear seus mestres, incluindo entre suas “dividas mais urgentes” (Durand, 2010c, p. 508), claro, Gaston Bachelard, mas também Corbin, Dumézil, Leroi-Gourham, Eliade, Bastide, Jung, Sorokin, Lupasco, Cassirer... Ele não se acreditava de nenhum modo como Melquisedec, ou seja, sem pai nem mãe espirituais (Durand, 2010c, p. 508).

17 No original francês: “[...] bien avant nos laborieuses psychologies du XIXe et du XXe siècle, la tigrure constitutive da Psyché”.

18 No original francês: “[...] toute création artistique est une main tendue qui donne à voir, à entendre, à aimer l'oeuvre, mais réciproquement main qui se tend pour recevoir, accueillir, recueillir les multiples messages et enrichissements qui viennent de l'autre, qui viennent du large et inépuisable Océan régénérateur”.

clericalismo e do papado preparou o terreno para a próxima obra de Durand, publicada em 2002, *Les Mythes fondateurs de la franc-maçonnerie* (Os mitos fundadores da franco-maçonaria). A mitodologia vem revelar as formas redundantes que constituem o pensamento maçônico neste livro que, conforme seu frontispício, é uma homenagem a Henry Corbin.

Conforme Verjat (2011), a influência de Henry Corbin deve ter levado Durand a se interessar cada vez mais pelos fenômenos religiosos, sempre a partir da perspectiva do símbolo e do mito, mas podemos observar que já desde *As estruturas antropológicas do imaginário* Durand faz a crítica ao historicismo que se arroga deter o sentido das ações humanas em detrimento da transcendentalidade. A busca da fantástica transcendental, expressão tomada emprestada a Novalis, conforme Durand (1997, p. 378) mesmo indica, é explicitada não somente no livro terceiro da tese de doutoramento como também é diretamente abordada em pelo menos sete das vinte conferências que Durand proferiu em Eranos. Estas sete conferências foram reunidas e editadas por Alain Verjat e resultaram na última obra de Durand publicada em vida, em 2011, com o adequado título *La crisis espiritual en Occidente* (A crise espiritual no Ocidente).

Houve, ainda outras obras contendo seleções de textos. A primeira, com o título *Structures – Éranos I*, publicada em 2003, inclui a primeira conferência de Durand em Eranos, *Dualismes et dramatisation: régime antithétique et structures dramatiques de l’imaginaire* (Dualismos e dramatização: regime antitético e estruturas dramáticas do imaginário), no ano de 1964, quando o tema geral da jornada foi *O drama humano no mundo das ideias*. Além deste texto, a obra apresenta também as conferências dos anos de 1982 (cujo tema geral foi *Jogo de deuses e homens*), 1965 (com o tema *A forma como tarefa do espírito*), 1967 (com o tema *A polaridade da vida*) e 1975 (comemorando o centenário de nascimento de Jung).

Em 2010, quatro obras anteriores de Durand (*Introduction à la mythodologie, Figures mythiques et visages de l’œuvre, L’Âme tigrée, Un comte sous l’acacia*) foram reeditadas em um só volume com o título *La sortie du XXe siècle*. No total, são 22 livros de autoria única, sem contar as numerosas participações em obras coletivas.

Uma bacía semântica desenhada pelo próprio Gilbert

Durand (1990) situa os estudos do imaginário tendo sua fase de escoamento no final do século XIX, repartindo suas águas tumultuadamente quando dos primeiros choques entre a herança positivista por um lado e, por outro, a psicanálise, a psicologia das profundezas e a remitologização wagneriana. A fase de confluência veio com o Círculo de Eranos, onde as primeiras vertentes entraram em consonância com a física quântica e a etologia. Na época conturbada da II Guerra Mundial, o rio recebeu seu nome “de modo discreto, para não dizer secreto”, mas Durand (1990) se recusa a revelá-lo: “Bachelard? Jung? Eliade? Dumézil? Corbin? Não sei, não quero dizer!”. No entanto, em 1996, Durand batiza o rio com o nome de *Freud e a hagiografia psicanalítica*, assim justificado:

O “nome do rio” implica uma forte mitização daquele que o porta, como por exemplo São Francisco e seu mito recenseado pelos hagiógrafos Boaventura e Tomás de Celano. Que não cause espanto esta referência inesperada de minha parte! Colocar Freud no mais profundo do rio não é garantia da “verdade” do freudismo, mas, simplesmente, garantia de sua pregnância semântica. A história, longe disso, não é uma amostra triunfal de verdades. A ciência pode ainda e sempre progredir porque ela é historicamente feita de erros retificados... (Durand, 2010a, p. 102-103, tradução nossa)¹⁹

No final do século XX, quando Durand se recusava a batizar o rio, parecia-lhe que estávamos na fase da organização dos rios, da qual deram testemunho

[...] as grandes sínteses sistematizadas que são *Mysterium conjunctionis* (Jung, 1956), *Antropologia estrutural* (Lévi-S-

19 No original francês: “Le “nom du fleuve” implique une forte mythisation de celui qui le porte, tel par exemple saint François et son mythe recensé par les hagiographes Bonaventure et Thomas de Celano. Que l’on ne s’étonne pas de cette inattendue référence de ma part! Mettre Freud au plus profond du fleuve n’est pas du tout un garant de la “vérité” du freudisme. Mais simplement un garant de sa prégnance sémantique. L’histoire, loin de là, n’est pas une échelle triomphale de vérités. Puisque la scientce peut encontre et toujours progresser, c’est qu’elle est historiquement faite d’erreurs rectifiées...”

trauss, 1958), *A imaginação criativa no sufismo de Ibn Arabi* (Corbin, 1959), *A poética do devaneio* (Bachelard, 1960), *A energia e a matéria viva* (Lupasco, 1962), livros maiores aos quais juntamos modestamente [...] nossas *Estruturas antropológicas do imaginário* (1962) (DURAND, 1990).

Com sua inteligência aguda, na qual a simplicidade e a modéstia não ocupavam um lugar menor, em 1996 Durand previa que, com as vulgatas freudiana, jungiana e mesmo a sua, começavam já as dissidências, os meandros, os deltas onde já corriam as primeiras correntes do que seria o século XXI. No entanto, antes que entremos na fase de esgotamento dos deltas, quando o rio se enfraquece, se divide e se deixa captar pelas correntes vizinhas, há muitas consequências a serem tiradas do legado desse grande rio que, de nossa parte, batizamos com o nome de Gilbert Durand.

Referências

CAZENAVE, M. (1980). Castor, pollux et le taureau. IN: La galaxie de l’imaginaire. Dérive autour de l’oeuvre de Gilbert Durand. Paris, Berg International. p. 247-248.

DURAND, G. (1996). Introduction à la mythodologie : mythes et sociétés. Paris, Albin Michel.

____ (2000). *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70.

____ (1989). *Beaux-arts et archétypes*. La religion de l’art. Paris: PUF.

____ (1998). *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget.

____ (2008). *Ciência do homem e tradição: o novo espírito antropológico*. São Paulo: TRIOM.

____ (2010b). *Figures mythiques et visages de l’oeuvre*. IN: La sortie du XXe siècle. Paris: CNRS Éditions. p. 187-504.

____ (1990). *Fondements et perspectives d’une*

philosophie de l’imaginaire. Reliogiologiques 1. Printemps 1990. Disponível em <http://www.religiologiques.uqam.ca/no1/fondements.pdf>. Consultado em 27/ jan /2013.

____ (2010a). Introduction à la mythodologie: mythes et sociétés. IN: La sortie du XXe siècle. Paris: CNRS Éditions. p. 15-188.

____ (2010c). *L’âme tigrée*. IN: La sortie du XXe siècle. Paris: CNRS Éditions. p. 505-670.

____ (2011). *Les structures anthropologiques de l’imaginaire*. Paris: Dunod.

____ (2003). *Structures Éranos I*. Paris: La Table Ronde.

GOLIAU, C. & GAIRIN, V. & LÉPINE, E. (2012). Les Journées d’Eranos. Le Point, Paris, numéro hors-série - les maîtres penseurs. Le mystère Carl Jung, p. 32-34, dez 2012.

VERJAT, A. (2011). Presentación. IN: DURAND, Gilbert. *La crisis espiritual en Occidente*. Las conferencias de Eranos. Madrid, Siruela, 2011. p. 9-28.

Outras publicações da autora:

BARROS, A.T.M.P. (2014). Do obstáculo especular à ilusão epistemológica na teoria da fotografia. Matrizes (USP. Impresso), v. 8, p. 221-234.

BARROS, A.T.M.P. (2013.) Símbolos do inferno: imagens de lugar nenhum e de algum lugar. Discursos Fotográficos (Online), v. 9, p. 99-122.

BARROS, A. T. M. P. (2013). Ciência e imaginário: a fotografia como heurística. Flusser Studies, v. 15, p. 1-16.

BARROS, A.T.M.P. (2013). O imaginário e a hipostasia da Comunicação. Comunicação, Midia e Consumo (Online), v. 10, p. 13-29.

BARROS, A, T. M. P. (2012). O segredo de Bresson. Ghrebh, v. 18, p. 234-247.

ESPAÇOS E AFETOS INTERMITENTES NO IMAGINÁRIO - AS CIDADES INVISÍVEIS DE ITALO CALVINO

Intermittent Spaces and affetcions in the imaginary – Invisible cities by Italo Calvino

Espacios y afecciones intermitentes en el imaginario - Las ciudades invisibles de Italo Calvino

Gustavo de Castro

Poeta, jornalista, escritor e professor de Estética na Faculdade de Comunicação/UnB.
E-mail: gustavocastroesilva@gmail.com

Resumo

O livro *As Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino, publicado em 1972, espécie de atlas do sonho geométrico humano, é um relato metanarrativo da relação entre os afetos das imagens e as formas arquitetônicas. Neste artigo mostramos que a descrição minuciosa dos detalhes das cidades servem para uma interpretação do próprio imaginário e dos afetos, todos eles entendidos mediante a não-linearidade ou a descontinuidade espacial. Atrás da noção de “invisível” encontramos no fundo níveis de visibilidade, enquanto níveis de interações sensíveis com o que nos rodeia. O livro é também uma releitura e uma reflexão de Italo Calvino da noção de Utopia.

Palavras-chave: Imaginário. Italo Calvino;. Espaço. Afeto. As Cidades Invisíveis.

Abstract

The book *Invisible Cities*, by Italo Calvino, published in 1972 – and which has been recognized as an atlas of the geometric human dream - is a metanarrative report on the relations between image affection and architectonic shapes. In this paper we demonstrate that the thorough description of city features serve as an interpretative tool for the understanding of the imaginary and the affections. The book is also a relecture and a reflection by Italo Clavino on the notion of Utopia.

Key words: Imaginary. Italo Calvino,. Space. Affecton. Invisible Cities.

Resumen

Las ciudades invisibles, de Italo Calvino (1972), especie de atlas del sueño geométrico humano, es un relato metanarrativo de la relación entre los afetos de las imágenes y las formas arquitetônicas. En este artículo, mostramos que la descripción minuciosa de los detalles de las ciudades sirve para una interpretación del imaginario y de los afetos, todos ellos entendidos mediante la no-linearidade o la discontinuidad espacial. Atrás de la noción de “invisible” encontramos niveles de visibilidad, o niveles de interacciones sensibles con lo que nos rodea. Mostraremos también la reflexión de Italo Calvino sobre la noción de Utopía.

Palabras-clave: Imaginario; Italo Calvino; Espacio; Afecto; Las Ciudades Invisibles.